

**JACQUES DELILLE E A CRÍTICA DO *JOURNAL DES DÉBATS*:  
SOBRE A CONSOLIDAÇÃO DE UMA AUTORIDADE NA TRADUÇÃO**

**JACQUES DELILLE AND THE CRITICISM OF THE *JOURNAL DES  
DÉBATS*: ON THE CONSOLIDATION OF AN AUTHORITY IN  
TRANSLATION**

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas notas historiográficas de um importante processo ocorrido na crítica tradutória do começo do século XIX: a consolidação do renome de um tradutor no meio literário francês. A pesquisa teve como base a Historiografia dos discursos acerca da Tradução, um ramo da Historiografia da Tradução que tem em Lieven D'hulst um de seus principais teóricos. O *corpus* de pesquisa constitui-se de uma série de resenhas críticas do *Journal des Débats* publicadas nos primeiros 20 anos do século XIX. Pela análise das resenhas, pode-se concluir que a condição de Delille, de celebridade tradutória na França oitocentista, foi sendo elaborada e reforçada a partir de uma disputa entre Dussault e Féletz, dois dos principais nomes da crítica literária do período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica literária. Crítica de tradução. Historiografia da Tradução.

**ABSTRACT:** This article aims to present some historiographical notes on an important process that took place in translation criticism at the beginning of the 19th century: the consolidation of the renown of a translator in the French literary milieu. The research was based on the Historiography of Discourses about Translation, a branch of Translation Historiography that has Lieven D'hulst as one of its main theorists. The research corpus consists of a series of critical reviews of the *Journal des Débats* published in the first 20 years of the 19th century. From the analysis of the reviews, it can be concluded that the condition of Delille, a translation celebrity in 19th century France, was developed and reinforced from a dispute between Dussault and Féletz, two of the main names in literary criticism of the period.

**KEYWORDS:** Literary criticism. Translation criticism. Translation Historiography;

Trata-se, o presente trabalho, de parte dos resultados de uma pesquisa em Historiografia da Tradução que buscou mapear os critérios utilizados nas resenhas críticas de obras traduzidas publicadas nas páginas de um importante jornal francês nas primeiras décadas do século XIX. A questão norteadora do artigo foi: *Havia unanimidade na crítica tradutória do Journal des Débats, durante a primeira geração de seus críticos sobre os tradutores resenhados?* Obviamente trata-se de uma questão que visa organizar uma entrada nos documentos (no caso, um *corpus* de resenhas críticas), mas que nasce fadada a uma resposta negativa. Todavia,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução”. E-mail: [cristian.macedo@ufrgs.br](mailto:cristian.macedo@ufrgs.br).

mesmo não havendo unanimidade, percebeu-se um nome que se destacava nas resenhas, seja em número de ocorrências, seja em críticas elogiosas: Jacques Delille.

Em todo nosso recorte temporal de análise (1800-1815), apenas um dos críticos, Jean Baptiste Dussault, teceu comentários mais duros em relação ao trabalho desse tradutor. Enquanto, por outro lado, as resenhas que destacam a qualidade das suas traduções foram quase em sua totalidade feitas por Dorimond de Féletz.

Dussault e Féletz foram os dois grandes nomes da primeira geração de críticos literários do *Débats* e suas discordâncias não se resumiam à qualidade do trabalho de Delille. As questões envolvendo a tradução (e até mesmo a intraduzibilidade de determinados textos) foram alvo de intensos debates ao longo do período em que os dois dividiram a redação do periódico (MACEDO; REUILLARD, 2022).

Porém, à despeito das diferenças entre as duas estrelas da crítica nascente, o presente artigo visa apresentar notas do que podemos considerar um processo de consolidação do renome de um tradutor na primeira metade do século XIX. Para tanto, recolhemos nas críticas tradutórias elementos que destaquem esse processo.

Organizamos nosso texto da seguinte forma: a primeira seção traz nossos pressupostos; a segunda, apresenta brevemente o jornal e os críticos cujas resenhas nos serviram de fonte histórica; e a terceira organiza as notas do resultado da investigação.

## 1. Historiografia dos discursos acerca da Tradução

A mais antiga notícia que se tem de uma demanda por historiografia da tradução foi um prêmio de mil francos oferecido pela *Société des Études Historiques* em 1888. Essa soma seria entregue a quem realizasse o melhor texto sobre o tema: *Estudo histórico sobre a tradução francesa dos principais clássicos gregos e latinos, desde meados do século XVIII até os dias atuais*. O estudo que venceu o concurso foi o de Justin Bellanger. A sua *Histoire de la Traduction en France* foi inicialmente publicada em três números no periódico da *Société* entre 1891 e 1892 (MACEDO, 2019).

Todavia, a produção histórica mais intensa deu-se a partir da segunda metade do século XX. No período de desenvolvimento dos Estudos da Tradução, uma das primeiras obras a apresentar uma abordagem histórica foi *Les Belles infidèles*, de George Mounin, publicada em

1955<sup>2</sup>. Nela, vemos uma importante tentativa de organizar cronologicamente as diferentes perspectivas tradutórias da cultura francesa, ao mesmo tempo que serviu para Mounin apresentar seu contra-argumento frente aos defensores da intraduzibilidade.

Mounin também publicou, na Itália, a obra *Teoria e Storia della Traduzione*, em 1965, oferecendo ao público um trabalho de maior fôlego sobre a história da tradução. O livro inicia com reflexões antropológicas que remetem a possibilidades proto-históricas da tradução e passa pela Antiguidade, pelo Medievo, pelo Renascimento e por escolas literárias, como a clássica e a romântica.

Mas o lugar devido à história em nosso campo só é definido nos anos 1990. Tomando por base o esquema da disciplina proposto por Holmes (2000) nos anos 1980, Hurtado Albir (1994) estabeleceu um lugar para a Historiografia da Tradução. A dimensão histórica transpassaria os três ramos dos Estudos da Tradução: o descritivo, o teórico e o aplicado. A perspectiva na qual o presente artigo se encaixa, a historiografia dos discursos acerca da tradução, é uma das possibilidades de pesquisa, atravessando o ramo teórico do campo.

Woodsworth esclarece sobre as possíveis questões a serem elaboradas em uma investigação em historiografia dos discursos sobre tradução:

[...] o que escreveram os tradutores sobre sua arte/ofício/ciência; como foram avaliadas as traduções em diferentes épocas; que tipo de recomendações davam os tradutores; como foi ensinada a tradução e como se relacionava esse discurso com outros discursos do mesmo período<sup>3</sup>. (WOODSWORTH, 1998, p. 101, tradução nossa).

Em Brigitte Lépinette (2015), encontramos uma perspectiva historiográfica para analisar os discursos sobre tradução. Ela a organizou em dois grandes modelos: o sociológico-cultural e o histórico-descritivo. O sociológico-cultural entende o fenômeno da tradução no contexto social e cultural em que é produzido e naquele em que há sua recepção. Ele visa determinar e avaliar as consequências da tradução na história da cultura. O modelo histórico-descritivo foi dividido pela autora em dois submodelos: o descritivo-comparativo e o descritivo-contrastivo. O primeiro centrado nas teorias da tradução, enquanto o segundo nas muitas traduções analisadas a partir de um mesmo texto de partida. O modelo descritivo-comparativo, a que nos filiamos, lida com os metatextos, isto é, com “o conjunto das reflexões sobre a tradução, os

---

<sup>2</sup> Sobre a importância da obra de Mounin no contexto de formação da disciplina e o caráter histórico de sua abordagem, ver Masson (2017).

<sup>3</sup> [...] what translators have had to say about their art/craft/science; how translations have been evaluated at different periods; what kinds of recommendations translators have made or how translation has been taught; and how this discourse is related to other discourses of the same period.

escritos teóricos do passado que permitem a análise dos conceitos metatradutológicos”<sup>4</sup> (LÉPINETTE, 2015, p. 143, tradução nossa).

Para Lieven D’hulst (1995), as fontes documentais, o conhecimento do contexto dos discursos tradutórios e a transformação destes discursos ao longo do tempo são fundamentais para a investigação historiográfica. Ele entende que o objetivo primeiro do historiador que pesquisa os discursos tradutórios deve ser reconstruí-lo o melhor possível, a partir do que seria a perspectiva daqueles que os enunciaram.

Isso só é possível na medida em que o historiador das teorias da tradução eleja uma abordagem tomando como base seu projeto de pesquisa e defina claramente seu objeto. D’hulst propõe as bases para uma historiografia das teorias da tradução. Tomando-as como “pensamento em movimento”, fixadas graficamente em textos, ele estabelece a constituição de um *corpus* documental significativo como o primeiro passo da pesquisa: tratados, prefácios, resenhas, correspondências entre tradutores e críticos, manuais de tradução, versões manuscritas, diferentes reedições de livros, etc. Através do *corpus*, é possível estabelecer como se dão, entre outras coisas, uma conceitualização histórica, a difusão dos textos, as barreiras institucionais, as censuras, bem como a “biografia” de um determinado pensamento teórico.

O historiador precisa ir além do domínio tradutológico, sustenta D’hulst, pois existem questões que exigem um constante trânsito de ir e vir na via que liga o objeto de estudo e sua contextualização. Também um tratamento criterioso das fontes documentais é exigido, na medida em que elas, ao se privilegiar a história dos conceitos das teorias estudadas, permitem a compreensão de seus pressupostos subjacentes. O objetivo primordial da pesquisa seria reconstruir as teorias da tradução do período histórico estudado segundo o ponto de vista de seus idealizadores e de seus usuários.

Talvez tocada pelas proposições de D’hulst, Márcia Martins publica em 1996 o artigo *As relações nada perigosas entre História, Filosofia e Tradução*, no qual propõe que “uma boa maneira de começar um estudo histórico da tradução talvez seja definir claramente o objeto: se as reflexões teóricas ou a prática em si” (MARTINS, 1996, p. 43).

Para a autora, uma investigação historiográfica da tradução precisa atentar para as questões como “quais eram as definições de ‘tradução’ e de ‘teoria de tradução’ em determinadas épocas no passado; [...] e a definição do que é texto ‘teórico’”. Ao optar por escrever sobre a história das teorias de tradução,

---

<sup>4</sup> [...] el conjunto de las reflexiones sobre la traducción, los escritos teóricos del pasado que permiten el análisis de los conceptos metatraductológicos.

o ponto de partida poderá ser um corpus de textos teóricos considerados importantes e representativos da variedade sincrônica e diacrônica do pensamento sobre a tradução. Entretanto, o historiador não deve esquecer que esses textos também são parte de discursos que pertencem a gêneros específicos (prefácio, resenha, carta, etc.) e têm suas próprias funções dentro e fora do campo da teoria. Consequentemente, muitas informações podem ficar de fora, propositalmente ou não. É preciso, então, descobrir o que é possível dizer em cada época [...] (MARTINS, 1996, p. 44-45).

Em outra oportunidade, D’hulst (2014) defendeu que o discurso tradutório é relevante em todas as possíveis frentes de pesquisa, seja quando se reconstrói a história dos sujeitos da tradução, quando se analisa o que foi e o que não foi traduzido, seja quando se pensa historicamente os locais da produção tradutória, sua impressão e sua distribuição.

Desta forma, quando pensamos na Historiografia dos discursos acerca da tradução, entendemos que é uma abordagem contemplada no esquema de nossa disciplina (HURTADO ALBIR, 1994); que orienta questões a serem feitas ao objeto (WOODSWORTH, 1998); que lida com metatextos cujo conteúdo nos dá, ao longo do tempo, as transformações sofridas pelas noções usadas para avaliar e refletir sobre as traduções (LÉPINETTE, 2015); e que nos direciona a compreendermos o contextos dos discursos, definir objetos e fontes, além de nos dar uma noção de que os discursos tradutórios são relevantes em todas as análises históricas no campo da tradução (D’HULST, 1995 e 2014).

## 2. Crítica e críticos do *Journal des Débats*

O século XIX, em função do considerável número de periódicos e da profissionalização das suas redações, foi considerado o “século da imprensa” (CHARLE, 2004). É um período no qual os jornais foram se distanciando do formato próximo ao do livro e se aproximando mais do conteúdo literário. Os jornais do início dos 1800 passam a ser impressos em grandes formatos e, além das notícias cotidianas, trazem em seu conteúdo críticas literárias e romances-folhetim. Nesse sentido, a história da imprensa se relaciona com a história da literatura (JURT, 2013) e, por consequência, da história da tradução.

Nesse contexto, houve o nascimento da moderna crítica literária. Antes disso, apesar da existência de críticos célebres, “um corpo de escritores mais ou menos especializados que têm por profissão falar de livros” surge apenas no século XIX e, em tempos de censura política, o jornalismo literário assume o espaço de preponderância nas páginas dos jornais<sup>5</sup> (THIBAUDET, 1930, p. 7, tradução nossa).

---

<sup>5</sup> [...] un corps d’écrivains plus ou moins spécialisés, qui ont pour profession de parler des livres. [...]

O *Journal des Débats* foi fundado em 1789 pelo advogado e deputado do Terceiro Estado Gaultier de Biauzat, durante a Revolução Francesa. Biauzat era um “burguês esclarecido”, isto é, havia lido os fisiocratas e simpatizava com as polêmicas reformas de Turgot. Seu objetivo era usar o jornal como veículo das decisões da Assembleia Nacional, levando-as, da forma mais rápida possível, a toda a população francesa. Foi adquirido, no mesmo ano de sua fundação, por François-Jean Baudouin, impressor oficial da Assembleia Nacional (WEISS, 1889).

O *Débats* foi vendido em 1799 aos irmãos Bertin (Louis-François Bertin e Louis François Bertin). No ano seguinte, as transformações na redação do jornal, e até mesmo no formato, foram empreendidas. Notícias do cotidiano e culturais, incluindo peças teatrais e novidades literárias, dividiam espaço com as informações oficiais de Estado. Duas tiragens do mesmo número começaram a circular, uma contendo um espaço no rodapé chamado *feuilleton*, voltado às questões culturais. A ideia de formar uma crítica literária estava no projeto dos Bertin que consistia em transformar os costumes, não apenas pela via política, mas transformando a literatura. Nesse sentido, a crítica era fundamental (WEISS, 1889).

Entre os principais críticos dos primeiros anos do século XIX estavam Dussault e Féletz. Jean Joseph Dussault (1769-1824) tornou-se jornalista muito jovem, colaborando com diversos periódicos ao longo de sua vida. Na Revolução Francesa, trabalhou em um jornal jacobino, *l'Orateur du Peuple*, porém sua reputação como jornalista e crítico literário se deu a partir de sua produção no *Journal des Débats*. Era visto como um crítico de “gosto severo”. Dussault foi considerado “o adversário mais formidável das traduções e dos tradutores”<sup>6</sup> (MONFALCON, 1835, p. xvii, tradução nossa).

Charles Marie Dorimond de Féletz (1767-1850) era um abade que foi deportado durante a Revolução Francesa. Seu perdão foi concedido apenas no golpe de estado do 18 Brumário, quando então retornou a Paris e, a convite dos Bertin, passou a trabalhar como crítico literário no *Journal des Débats*. Sua reputação era a de se mostrar constantemente antipático a toda inovação literária e de ser um dos “homens distintos que trabalharam na restauração do sentido moral, do gosto, da língua”<sup>7</sup> (LAROUSSE, 1872, p. 193).

### 3. Delille: um tradutor renomado

---

<sup>6</sup> [...] goût sévère [...] combattait avec force et talent tous les sophismes des novateurs littéraires. [...] l'adversaire le plus formidables des traductions et des traducteurs.

<sup>7</sup> [...] hommes distingués qui travaillèrent à la restauration du sens moral, du goût, de la langue [...].

Jacques Delille (1738-1813), conhecido como abade Delille, era poeta e um dos mais prestigiados tradutores da França. Sua primeira tradução foi *O Ensaio Sobre o Homem*, de Alexander Pope, em 1764 (publicada postumamente), seguida por diversas obras de Virgílio como *As Geórgicas* (1770), *Eneida* (1804) e *Bucólicas* (1806). Foi eleito para a Academia Francesa por duas vezes, já que sua primeira eleição foi vetada pelo rei. Durante a Revolução, foi preso pelo Terror e, depois, exilado na Suíça. Retorna à França em 1802, mas, avesso aos ideais revolucionários, se recusa sempre a obsequiar Napoleão. Podemos entender que Delille estava no mesmo espectro político do abade Féletz (outro exilado do regime revolucionário), e avesso aos ideais de Dussault, adepto do jacobinismo.

Uma das primeiras resenhas de nosso *corpus* foi publicada em abril de 1801. Devismes, um leitor do jornal que costumeiramente enviava opiniões, inaugura as reflexões sobre traduções de poemas nas páginas do *Débats*. Buscando incentivar os tradutores a voltarem-se aos poemas, ele escreve: “a tradução em versos, da qual alguns se ocupam muito hoje em dia, me parece que deve ser encorajada fortemente”. Teria sido, afirma Devismes, graças a sua tradução das *Geórgicas*, que “o célebre Delille”<sup>8</sup> teria adquirido sua fama (DEVISMES, 1801, p. 2, tradução nossa).

De início, já travamos contato com uma informação importante. Delille já era “célebre”. Havia um pouco mais de trinta anos que sua tradução das *Geórgicas* havia sido publicada. Resta saber, portanto, como as páginas do jornal trataram essa notoriedade do tradutor, se discutindo-a, fazendo a sua manutenção, ou a ampliando.

Em 10 de outubro do mesmo ano, outra resenha crítica (sem assinatura do autor), apresenta uma comparação entre traduções da *Geórgicas*, de Virgílio, feitas por Raux e Delille. O resenhista considera que a versão de Raux tem “defeitos de estilo” e uma composição “fria e arrastada”. Para ele, Delille teria “um tom mais firme e mais apaixonado”, além de apresentar “precisão [...] mais harmonia e mais cor [...] mais fidelidade”<sup>9</sup> (NOUVELLE, 1801, p. 2-4, tradução nossa).

Féletz, ao resenhar a tradução do *Orlando furioso* de Ariosto feita por um professor de história de nome Laborie, inicia seu texto citando alguns trechos da mesma obra, mas traduzidos por Delille. Féletz diz estar fazendo uma resenha “inútil”, pois a “pretensa tradução” de Laborie não seria lida por ninguém e não marcaria a história nas Letras. Diante dos versos da tradução

---

<sup>8</sup> [...] le célèbre Delille [...].

<sup>9</sup> 70[...] étranlé [...] défauts de style [...] froide et traînante. [...] un ton plus ferme et plus passionné [...] précision [...] plus d'harmonie et de couleur [...] plus de fidélité.

de Delille, plenos de “poesia”, “nobreza de expressão” e “harmonia”, os do novo tradutor eram “bárbaros”<sup>10</sup> (FÉLETZ, 1802, p. 3, tradução nossa).

Em 10 de abril de 1803, é publicada a resenha de Féletz sobre a nova tradução da *Eneida*, feita por Hyacinthe Gaston. O crítico afirma que, até aquele momento, não havia “nenhuma tradução “suportável” da *Eneida*. Delille havia prometido traduzi-la vinte anos antes, mas até aquele momento não a tinha apresentado ao público. Para Féletz, a obra de Gaston demonstrava, pelo “longo prefácio” e pelas “extensas notas”, que o tradutor “fez de seu modelo o estudo mais aprofundado”<sup>11</sup>(FÉLETZ, 1803, p. 2, tradução nossa). Defendendo a realização de uma crítica com justiça e imparcialidade, Féletz afirma que nem sempre o tradutor conseguiu “fazer passar na sua tradução as belezas de seu modelo”. Gaston, seguidamente, “não traduziu fielmente o original; ele faz acréscimos ao seu pensamento, ele quer dar-lhe às vezes *finesse* e espírito, e ele erra”. O tradutor cria alguns versos que, para Féletz, deram um ar muito moderno à obra antiga. O crítico conclui que Gaston tem muito talento, mas afirma que “talvez não precisamente o talento do tradutor”<sup>12</sup> (FÉLETZ, 1803, p. 4, tradução nossa).

Em 1804, enfim, é publicada tradução de *Eneida* feita por Delille. Incumbido de resenhá-la, Féletz começa a sua crítica já firmando posição:

O evento mais importante que foi oferecido ao mundo literário na última metade do século foi, sem dúvida, a publicação dessa grande obra, prometida há muito tempo, esperada com tanta impaciência, e precedida pelo mais feliz ensaio sobre o gênero da tradução, e por tantos ilustres precursores que, anteriormente, pareciam responder seu mérito: revestir das cores da poesia francesa o poema, talvez, mais perfeito da Antiguidade<sup>13</sup>.(FÉLÉTZ, 1804a, p. 2, tradução nossa).

Para Féletz, Delille merecia todos os elogios, pois havia conseguido transportar a *Eneida* a “uma língua menos rica, menos flexível, menos harmoniosa” e se dedicado com sucesso a “lutar contra uma poesia admirável”, contra uma “perfeição desencorajante”<sup>14</sup> (FÉLETZ, 1804a, p. 3, tradução nossa).

<sup>10</sup> [...] poésie [...]. [...] noblesse d’expressions [...] harmonie [...]. [...] barbares [...].

<sup>11</sup> [...] aucune traduction supportable [...]. [...] longue préface [...] les notes très-étendues [...] a fait de son modèle l’étude la plus approfondie.

<sup>12</sup> [...] fait passer dans sa traduction les beautés de son modèle. [...] ne pas rendre assez fidèlement l’original ; il ajoute à sa pensée, il veut lui donner quelquefois de la finesse et de l’esprit, et il a tort. [...] peut-être n’est-ce pas précisément le talent de traducteur.

<sup>13</sup> L’événement le plus important qu’ait offert le monde littéraire depuis plus d’un demi-siècle, c’est sans doute la publication de ce grand ouvrage, promis depuis si longtemps, attendu avec tant d’impatience, et précédé par l’essai le plus heureux dans le genre de la traduction, et par tant d’illustres précurseurs qui, d’avance, semblaient répondre de son mérite: revêtir des couleurs de la poésie française le poème le plus parfait, peut-être, de l’antiquité.

<sup>14</sup> [...] une langue moins riche, moins flexible, moins harmonieuse [...] lutter contre une poésie admirable [...] perfection décourageante.

O crítico dedica uma série de resenhas para a nova tradução da obra de Virgílio. Nelas, lemos que Delille “sabe imitar a simplicidade e a concisão do original”<sup>15</sup> (FÉLETZ, 1804b, p. 2, tradução nossa), que dá ao seu trabalho um “tom vivo, animado, culto e elegante”<sup>16</sup> (FÉLETZ, 1804c, p. 3, tradução nossa), que a tradução de Delille deveria ser examinada por todos que estivessem “tentados a seguir na mesma carreira”<sup>17</sup> (FÉLETZ, 1804c, p. 3, tradução nossa). A única observação menos elogiosa que lemos nessa sequência de resenhas de Féletz é a seguinte:

Esses versos são belos; essas ideias são belas: se elas não estão em Virgílio, elas não estariam, nele, deslocadas. O tradutor tem, então, o direito de lhes emprestar. Talvez abuse algumas vezes desse direito; mas não é o momento de fazermos essa observação<sup>18</sup>. (FÉLETZ, 1804b., p. 2, tradução nossa)

Em 1806, Dussault começa a ter publicadas nas páginas do *Débats* suas resenhas críticas sobre obras traduzidas. O segundo tomo da *Eneida* traduzida por Hyacinthe Gaston fica sob sua responsabilidade. Nas primeiras linhas de sua crítica, Dussault já deixa claro que tem opinião contrária à de Féletz sobre o trabalho de Gaston. Este seria um “Hércules dos poetas”, e os doze livros da *Eneida* seus “doze trabalhos”: “os heróis de nossas sociedades literárias devem o reconhecer como seu líder”<sup>19</sup> (DUSSAULT, 1806a, p. 1, tradução nossa). Gaston, apesar dos “grandes esforços” para unir “o mérito da fidelidade com o da elegância”, em alguns momentos teria procurado “embelezar e ornar os pensamentos de Virgílio, e fazê-lo falar uma linguagem muito digna de ser aplaudida nos Ateneus, mas que não é a sua”. Mas, no geral, afirma Dussault, o tradutor teria mantido “na sua cópia a nobre simplicidade do original”, mostrando em sua tradução um estilo com “clareza”, “pureza” e “harmonia”: “ele luta sem cessar contra seu original”<sup>20</sup> (DUSSAULT, 1806a, p.3, tradução nossa). Dussault afirma que “ao prazer que a sua leitura promove”, pode se unir o prazer de dizer “Eis um autor que fez tudo o que pôde; eis uma obra trabalhada com consciência”. No parágrafo seguinte, o crítico escreve: “Não sentimos isso ao lermos a tradução da *Eneida* feita por Delille”. A falta de prazer ao se ler a tradução deste último se devia ao fato do tradutor não ter “trabalhado suficientemente a sua obra”, na

<sup>15</sup> [...] sait imiter la simplicité et la concision de l’original.

<sup>16</sup> [...] ton vif, animé, soutenu et élégant.

<sup>17</sup> [...] tentes de le suivre dans la même carrière.

<sup>18</sup> [...] Ces vers sont beaux; ces idées sont belles: si elles ne sont pas dans Virgile, elles n’y seraient pas déplacées. Le traducteur a donc le droit de les lui prêter. Peut-être abuse-t-il quelquefois de ce droit; mais n’est pas le moment de faire cette remarque.

<sup>19</sup> [...] les héros de nos sociétés littéraires doivent le reconnaître pour leur chef.

<sup>20</sup> [...] grands efforts [...] le mérite de la fidélité à celui de l’élégance [...] embellir et à orner les pensées de Virgile, et de lui faire parler un langage très-digne d’être applaudi dans les Athénées, et qui n’est pas du tout le sien. [...] dans sa copie la noble simplicité de l’original [...] clarté [...] pureté [...] l’harmonie [...] il lutte sans cesse contre son original.

qual os leitores podiam perceber em cada página uma “negligência de estilo”, a ausência de “esforço para vencer as dificuldades” e “os traços de uma pressa indiscreta e de uma ânsia desmedida”<sup>21</sup> (DUSSAULT, 1806a, p.3, tradução nossa). Estaria o crítico sugerindo que a tradução de Delille teria sido pressionada pela de Gaston, visto que o trabalho deste último começou a ser publicado em 1803 e Delille lança a sua tradução já no ano seguinte?

A comparação entre as duas traduções da Eneida não foi uma novidade trazida por Dussault. Em 1804, quando aparece a tradução de Delille, foi lançado um breve estudo com o título *Parallèle des traductions de l'Énéide de MM. Delille et Gaston*. A superioridade do trabalho de Gaston em relação a Delille é apontada na obra: “A força, a beleza do original reaparece na tradução. A harmonia é mostrada em todo o seu brilho. Ouso dizer que o Sr. Gaston supera o Sr. Delille em vários lugares”<sup>22</sup> (MABIRE, 1804, p. 8, tradução nossa).

Dussault não nega o talento de Delille. Para ele, este tradutor renomado tinha a capacidade de versificação e um estilo superiores aos de Gaston. Apesar disso, deixa claro que em sua tradução “constantemente não vemos o original”, enquanto o trabalho de Gaston destaca-se por sua “exatidão” e “fidelidade ao seguir os traços de seu autor”<sup>23</sup> (DUSSAULT, 1806a, p. 3, tradução nossa). Ao se comparar as duas traduções, escreve Dussault, percebe-se que “Delille é melhor escritor e Gaston tradutor mais exato [...] um aposta mais em seu próprio talento, o outro no gênio do original”<sup>24</sup> (DUSSAULT, 1806a, p. 4, tradução nossa). Para ele, a obra de Gaston era “uma tradução algumas vezes fraca, mas sempre fiel”, enquanto a de Delille era “uma paráfrase muitas vezes brilhante, mais frequentemente lânguida e maçante, e quase sempre inerte e com erros”<sup>25</sup> (DUSSAULT, 1806a, p. 4, tradução nossa). Ao negar o estatuto de tradução propriamente dita à obra de Delille, Dussault está se opondo radicalmente à crítica de Féletz, admirador do trabalho de Delille, levando às páginas do *Débats* uma polêmica interessante.

Na segunda parte de sua crítica, lançada dias depois, Dussault discorre brevemente sobre a questão da notoriedade na literatura: “Hoje uma reputação é uma mina que se explora; pouco

---

<sup>21</sup> [...] au plaisir que sa lecture fait éprouver [...] Voilà un auteur qui a fait tout ce qu'il a pu; voilà un ouvrage travaillé en conscience. [...] On ne le ressent pas en lisant la traduction de l'Énéide faite par M. Delille. [...] assez travaillé son ouvrage [...] négligence du style [...] effort pour vaincre les difficultés [...] les traces d'une hâte indiscreta et d'un fol empressement.

<sup>22</sup> La force, la beauté de l'original reparaissent dans la traduction. L'harmonie s'y montre dans tout son éclat. J'ose dire que M. Gaston surpasse M. Delille dans plusieurs endroits.

<sup>23</sup> [...] on perd de vue trop souvent l'original [...] exactitude [...] fidélité à suivre les traces de son auteur.

<sup>24</sup> [...] M. Delille est meilleur écrivain, et M. Gaston traducteur plus exact [...] l'un se fie plus à son propre talent, l'autre au génie de l'original.

<sup>25</sup> [...] une traduction quelquefois foible et toujours fidelle [...] une paraphrase quelquefois très brillante, plus souvent languissante et terne, et presque toujours inerte et fautive.

importa o mérito da obra, o renome do autor é a garantia do sucesso”<sup>26</sup> (DUSSAULT, 1806b, p. 2, tradução nossa). E aqui “sucesso” tem relação direta com a questão comercial da obra. O crítico já havia tecido comentários sobre o quanto as Letras estavam “entregues à avidez das especulações mercantis, e desonradas pelos cálculos de uma baixa cupidez”<sup>27</sup> (DUSSAULT, 1806a, p. 3, tradução nossa). Graças a Balzac, por exemplo, temos notícias de que as relações entre críticos do *Débats*, autores e livreiros às vezes não eram muito saudáveis, chegando-se a cobrar por resenhas elogiosas (BALZAC, 2011).

Dussault também comparou duas traduções de uma passagem de Virgílio: *O Episódio de Aristeu*. Os dois tradutores foram Le Brun e, mais uma vez, Delille. Todavia, Dussault afirmou que não apresentaria um veredicto. Para ele, bastava “o prazer de ter duas boas traduções de um dos mais belos trechos de Virgílio”<sup>28</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 1-2, tradução nossa).. Mas não abriu mão de afirmar que “Delille teve uma grande vantagem, pois a tradução de Lebrun havia aparecido muito tempo antes da sua. E teria aproveitado essa vantagem, se “apropriando” de “versos inteiros de seu predecessor”<sup>29</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa). Outro crítico, Clément, afirma Dussault, também teria notado esses “roubos legítimos”<sup>30</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa).

Apesar da “vantagem” de Delille, Dussault não parece ter se rendido ao trabalho desse tradutor. Diante de uma frase traduzida por ambos, escreve que “Delille a traduziu com mais simplicidade e brevidade”<sup>31</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa), no entanto não expressou a “harmonia melancólica”<sup>32</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa) do autor. Em outra passagem, afirma que os “versos desconexos”<sup>33</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa) de Delille não apresentavam o “efeito que Virgílio desejou produzir”<sup>34</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa). Enquanto Lebrun “emprestou ornamentos a Virgílio, Delille o despojou”<sup>35</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa). Este último teria “removido a sua harmonia”<sup>36</sup>

<sup>26</sup> Aujourd’hui une réputation est une mine que l’on exploite; peu importe le mérite de l’ouvrage, la renommée de l’auteur est le gage du succès.

<sup>27</sup> [...] livrées à l’avidité des spéculations mercantiles, et déshonorées par les calculs d’une basse cupidité.

<sup>28</sup> [...] le plaisir d’avoir deux bonnes traductions d’un des plus beaux endroits de Virgile.

<sup>29</sup> [...] M. Delille eut un grand avantage, puisque la traduction de M. Lebrun avoit paru long-temps avant la sienne.

<sup>30</sup> [...] vers entiers de

son prédécesseur. [...] larcins légitimes.

<sup>31</sup> [...] Delille a traduit avec plus de simplicité et de brièveté.

<sup>32</sup> [...] l’harmonie mélancolique.

<sup>33</sup> [...] vers décousus.

<sup>34</sup> [...] effet que Virgile a voulu produire.

<sup>35</sup> [...] a prêté des ornements à Virgile, M. Delille l’a dépouillé.

<sup>36</sup> [...] ôté son harmonie.

(DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa) além da sua “elegância comovente e majestosa”<sup>37</sup>. E é “bem perigoso retirar ou inserir algo em Virgílio”<sup>38</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa), afirma o crítico. Apresentando versos “um pouco lânguidos”<sup>39</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 2, tradução nossa), escreve Dussault, Delille, em um momento, “me parece ter faltado...”<sup>40</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 4, tradução nossa)., em outro “se enganou...”<sup>41</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 4, tradução nossa). Lebrun, por sua vez, não teria a “elegância” de Delille, mas teria “mais dessa exatidão que satisfaz o espírito e o sentimento”<sup>42</sup> (DUSSAULT, 1807, p. 4, tradução nossa).

Ao fazer a sua comparação, Dussault parece ter mais buscado denunciar o plágio de Delille do que estabelecer questões de qualidade envolvendo as duas traduções. No entanto, algo ocorreu internamente na redação do *Débats* que fez com que o posicionamento de Dussault passe a ser menos incisivo. Em 1810, o crítico escreve uma nota dizendo que Delille havia entendido que em um de seus artigos o estaria acusando de “estupidez e trapaça”. Ao que Dussault rebate:

Eu disse [...] que há na tradução da Eneida, de Delille, trechos que não são dele. Eu disse isso, com tanto mais confiança, pois há nesta tradução um número muito grande de trechos muito indignos da reputação do tradutor titular.<sup>43</sup> (DUSSAULT, 1810, p. 4, tradução nossa).

Mas em 1811, ao resenhar uma coletânea da obra de Le Brun, Dussault continua suas referências a Delille, mas modulando-as: “esta tradução do episódio de Aristeu, que já era conhecido há muito tempo, e que alguns críticos até preferiram ao de M. Delille”<sup>44</sup> (DUSSAULT, 1811, p. 2, tradução nossa).

No ano seguinte, já no contexto daquela que seria sua mais famosa (e última) polêmica, a que dizia respeito a intraduzibilidade dos antigos (MACEDO; REUILLARD, 2022), Dussault chega a dizer que o trabalho de Delille nas *Geórgicas* de Virgílio podia ser considerado um dos “monumentos” da literatura francesa, no qual foram atingidos os limites da tradução na França. (DUSSAULT, 1812, p. 3, tradução nossa).

<sup>37</sup> [...] l’élégance attendrissante et majestueuse.

<sup>38</sup> [...] bien dangereux d’ôter ou d’ajouter rien à Virgile.

<sup>39</sup> [...] un peu languissants.

<sup>40</sup> [...] me paraît avoir manqué.

<sup>41</sup> [...] s’est trompé.

<sup>42</sup> [...] plus de cette exactitude qui satisfait l’esprit et le sentiment.

<sup>43</sup> [...] bêtise et friponnerie [...]. J’ai dit [...] qu’il y a dans la traduction de l’*Enéide*, par Delille, des morceaux qui ne sont pas de lui; j’ai la dit, avec d’autant plus de confiance, qu’il y a dans cette traduction un très grande nombre de morceaux très-indignes de la réputation du traducteur titulaire.

<sup>44</sup> [...] cette traduction de l’épisode d’Aristée, qui étoit déjà connue depuis long-temps, et que quelques critiques ont même préférée à celle de M. Delille.

Vencida única fonte de resistência ao trabalho de Delille entre os críticos do *Débats*, Féletz amplia suas resenhas e os elogios sobre as obras desse tradutor. A postura do abade era tão peculiar em suas críticas às traduções de Delille que, em 1842, Duffaï, crítico literário, apesar de considerar Féletz um dos mais eminentes críticos da primeira metade do século XIX, junto com Dussault, entende que seu julgamento era marcado pelos modelos literários do século XVIII. Para ele, os elogios de Féletz a Delille são de uma “excessiva liberalidade”. O “espírito” do tradutor das *Geórgicas* é retomado por Féletz “várias vezes e com insistência.”<sup>45</sup>, sem que se possa afirmar ser suficiente para traduzir com qualidade a obra de Virgílio (DUFFAÏ, 1842, p. 129, tradução nossa).

Féletz, que de todas as letras do alfabeto que nomeavam os críticos do *Débats* era a primeira, ou seja, a maior voz entre os críticos do jornal, conforme lembra Victor Hugo em seus *Os Miseráveis*, foi grande admirador e responsável pela publicação póstuma das obras completas de Delille. Sem dúvida, seu posicionamento tornou-o um dos maiores responsáveis pela manutenção do renome de Delille.

### Considerações finais

Buscamos, no presente artigo, apresentar algumas notas historiográficas de um importante processo ocorrido na crítica tradutória do começo do século XIX: a consolidação do renome de um tradutor no meio literário francês. A partir do debate entre dois dos principais críticos literários do período, vimos que a resistência inicial de Dussault foi vencida, e o ímpeto de Féletz manteve-se atuante nas páginas do *Débats*. Ímpeto, este, que posteriormente chamou atenção devido a insistência desmedida em elogios ao tradutor cuja obra completa teria sido editada e comercializada por aquele de onde partiam os comentários abonatórios. Trata-se de um estudo que merece maiores investigações, mas, desde já, nos apresenta ao menos vestígios de como, no início da moderna crítica literária dos anos 1800, e em especial no contexto tradutório, o renome era criado e consolidado.

Acreditamos ter, de alguma forma, contribuído para as reflexões atinentes à nossa disciplina Estudos da Tradução, em especial através do ramo que nos dedicamos: a Historiografia dos discursos acerca da tradução. Revisitar o passado, com questões próprias do campo, dá-nos oportunidade de abrir possibilidades de análises e pesquisas futuras. Mesmo que nosso trabalho tenha contornos mais restritos, entendemos que é possível avançar. Se considerarmos uma abordagem histórico-cultural ou histórico-social, os pressupostos

---

<sup>45</sup> [...] excessive libéralité [...] plusieurs fois et avec insistance.

extratextuais relacionados ao renome de quem traduz pode ser ainda muito melhor e mais profundamente explorado.

### Referências

BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas*. Tradução de Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHARLE, Christophe. *Le siècle de la presse (1830-1939)*. Paris: Seuil, 2004.

D'HULST, Lieven. *Essais d'histoire de la traduction: Avatars de Janus*. Paris: Classiques Garnier, 2014.

D'HULST, Lieven. Pour une historiographie des théories de la traduction : questions de méthode. *TTR*, v. 8, n. 1, 1995, p. 19.

DEVISMES. Sur une nouvelle traduction de l'Essai sur la Critique. *Journal des débats et décrets*. Paris: 15 abr. 1801, Variétés, p. 2-4.

DUFFAÏ, Alexandre. Jugemens critiques sur quelques Écrivains et quelques écrits du temps. *Revue de Paris: journal critique, politique et littéraire*, Volume 160, 1842, p. 120-131.

DUSSAULT, Jean Joseph. Salluste. *Journal de l'Empire*. Paris : 13 dez. 1812, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, Jean Joseph. L'Énéide, traduite en vers français (Premier extrait). *Journal de l'Empire*. Paris: 05 mar. 1806a, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, Jean Joseph. L'Énéide, traduite en vers français (Deuxième extrait). *Journal de l'Empire*. Paris: 17 mar. 1806b, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, Jean Joseph. Le Génie de Virgile. *Journal de l'Empire*. Paris: 19 dez. 1810, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, Jean Joseph. Œuvres de Ponce-Denis Echouchard Le Brun. *Journal de l'Empire*. Paris: 21 ago. 1811, Variétés, p. 1-4.

DUSSAULT, Jean Joseph. Premier chant d'un poème intitulé: la Veillée du Parnasse, récité à l'Institut national. *Journal de l'Empire*. Paris: 16 jan. 1807, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, Dorimond de. L'Énéide. *Journal des débats et décrets*. Paris: 10 abr. 1803, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, Dorimond de. L'Énéide. *Journal des débats et décrets*. Paris: 26 abr. 1804a, Variétés, p. 2-4.

FÉLETZ, Dorimond de. Œuvres de Virgile; traduction nouvelle, par M. René Binet (I). *Journal des débats et décrets*. Paris: 25 dez. 1804b, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, Dorimond de. Œuvres de Virgile; traduction nouvelle, par M. René Binet (II). *Journal des débats et décrets*. Paris: 29 dez. 1804c, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, Dorimond de. Roland furieux. *Journal des débats et décrets*. Paris: 12 dez. 1802, Variétés, p. 3-4.

HOLMES, James S. The Name and Nature of Translation Studies. In: VENUTI, Lawrence (Ed.) *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000, p. 172-185.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes*. Madrid: Edelsa, 1994.

JURT, Joseph. Le siècle de la presse et la littérature en France. *Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte/ Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes*, n. 37, 2013, p. 275-305.

LÉPINETTE, Brigitte. La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos. In:

LÓPEZ, Pilar Ordóñez; SABIO PINILLA, José Antonio. *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico*. Cuenca: Universidad de Castilla, 2015, p. 143.

MABIRE. *Parallèle des traductions de l'Enéide de MM. Delille et Gaston*. Paris: Hénée, 1804.

MACEDO, Cristian. A Historiografia da Tradução no século XIX: demandas e produtos em língua francesa. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, 2019, p. 74-84.

MACEDO, Cristian.; REUILLARD, Patrícia. Intraduzibilidade: polêmica tradutória no *Journal des Débats*. *Graphos*, v. 24, p. 30-47, 2022.

MARTINS, Márcia. As relações nada perigosas entre história, filosofia e tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. 1, p. 37-51, 1996.

MASSON, Jean-Yves. Le tournant historique dans les études de traduction. In: *Premier Congrès Mondial de Traductologie*. Paris: Université de Paris-Nanterre, 2017. Disponível em: < <http://tout-monde.com/mooctrad.s1.a1.module2.html> > Acesso em: 26 de setembro de 2022.

MOUNIN, Georges. *Les Belles infidèles*. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires Du Septentrion, 2016.

MOUNIN, Georges. *Teoria e storia della traduzione*. Torino: Einaudi, 1965.

NOUVELLE Traduction en vers des Géorgiques de Virgile. *Journal des débats et décrets*. Paris: 10 out. 1801, Variétés, p. 2-4.

THIBAUDET, Albert. *Physiologie de la critique*. Paris: Nouvelle Revue Critique, 1930.

WEISS, Jean Jacques. *Le livre du centenaire du Journal des Débats: 1789-1889*. Paris : Plon et Plon, Nourrit et Cie, 1889.

WOODSWORTH, Judith. History of Translation. In: BAKER, Mona; MALMKJÆR, Kirsten. (Orgs.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998, p.101.